

Maria de Fátima Nunes e Augusto da Silva, sj. (orgs)

“Da Europa para Évora e de Évora para o Mundo”

A Universidade Jesuítica de Évora

1559-1759



Maria de Fátima Nunes e Augusto da Silva, sj. (orgs)

“Da Europa para Évora
e de Évora para o Mundo”
A Universidade Jesuítica de Évora
(1559-1759)



Agradecemos os seguintes apoios institucionais:

Fundação Eugénio de Almeida

Delegação Regional da Cultura do Alentejo. Ministério da Cultura

Instituto de Cultura Vasco Vill'Alva

É V O R A
2 0 0 9

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....	7
<i>José Alberto Gomes Machado</i> 1559	9
<i>Maria de Fátima Nunes</i> UNIVERSIDADE E MODERNIDADE: 1559-2009.....	19
<i>Augusto da Silva, sj</i> O ENSINO JESUÍTA: CARISMA E ESTRATÉGIA	31
<i>J. Váz de Carvalho</i> A ANTIGA UNIVERSIDADE DE ÉVORA (1559-1759): VISÃO PANORÂMICA	45
<i>D. Manuel Madureira Dias</i> A TEOLOGIA NA UNIVERSIDADE DE ÉVORA (ENSINO E PRINCÍPIOS).....	85
<i>Teresa Santos</i> A FILOSOFIA NA UNIVERSIDADE DE ÉVORA (1559-1759). UM PERCURSO INTERROMPIDO; UM PERCURSO ESQUECIDO	111
<i>Maria do Céu Fonseca</i> A GRAMÁTICA NO CURSO DE HUMANIDADES DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA (1559-1759)	137

Ficha Técnica

Título	“Da Europa para Évora e de Évora para o Mundo” A Universidade Jesuítica de Évora 1559-1759
Capa de	Susana Oliveira
Organização	Maria de Fátima Nunes Augusto da Silva, sj.
Edição	Instituto Superior Económico e Social de Évora Rua Vasco da Gama, 15 7000-941 ÉVORA - PORTUGAL Telefone 266 703 327 Fax 266 747 243 E-mail: economia.e.sociologia@gmail.com Página Web: http://economia.e.sociologia.googlepages.com
Data de saída	Outubro 2009
Tiragem	400 exemplares
Depósito legal	301431/09
Execução gráfica	Barbosa & Xavier, Lda. – Artes Gráficas Rua Gabriel Pereira de Castro, 31-A e C Tels. 253 263 063 / 253 618 916 – Fax 253 615 350 4700-385 Braga

<i>Carlos Jorge Figueiredo Jorge</i>	
ENTRE OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS E A DISPUTA ARGUMENTATIVA – O ESPLENDOR DA RETÓRICA NA UNIVERSIDADE DE ÉVORA ENTRE O SÉCULO XVI E O SÉCULO XVIII	157
<i>José Manuel Martins Lopes</i>	
A EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS E O «MODUS PARISIENSIS»	171
<i>Manuel Ferreira Patrício</i>	
SOBRE AS PROPOSTAS DE VERNEY PARA O ESTUDO DAS LÍNGUAS.....	203
<i>A. de Jesus Silva</i>	
A ANTIGA UNIVERSIDADE DE ÉVORA: UM SÓ EDIFÍCIO MÚLTIPLAS MORADAS	215
<i>Christine Zurbach</i>	
O TEATRO NA COMPANHIA DE JESUS.....	225
<i>Joaquim Chorão Lavajo</i>	
OS JESUÍTAS EM ÉVORA – ENTRE A CÁTEDRA E O POVO	233
<i>Margarida I. Almeida Amoedo</i>	
A LIVRARIA GERAL DA ANTIGA UNIVERSIDADE DE ÉVORA	249
<i>Júlio Manuel Cruz-Morais</i>	
CUIDADOS MÉDICOS E FARMACÊUTICOS E SERVIÇO À COMUNIDADE PELA COMPANHIA DE JESUS DURANTE OS SÉCULOS XVI-XVIII – O CASO DE ÉVORA	271

<i>José Pedro Sousa Dias</i>	
DOCUMENTOS SOBRE DUAS BOTICAS DA COMPANHIA DE JESUS EM LISBOA: COLÉGIO DE SANTO ANTÃO E CASA PROFESSA DE S. ROQUE	295
<i>Manuel F. S. Patrocínio</i>	
O SABER E A MAJESTADE: O COLÉGIO DO ESPÍRITO SANTO E O DESENVOLVIMENTO DAS ARQUITECTURAS COLEGIAIS NA EUROPA MODERNA.....	313
<i>Maria Tereza Amado</i>	
O VALOR DO PRESTÍGIO E DA ANTIGUIDADE DA CIDADE DE ÉVORA RENASCENTISTA.....	335
<i>Mafalda Soares da Cunha</i>	
SEBASTIANISMO, OS JESUÍTAS E OS BRAGANÇA. REFLEXÕES HISTORIOGRÁFICAS EM TORNO DE 1640	357
ANEXOS: I - DOCUMENTOS	377
ANEXOS. II - ESTUDOS.....	397

Universidade e Modernidade: 1559-2009

Maria de Fátima Nunes *

Resumo: Parte-se do impacto que as comemorações dos 450 anos da fundação da Universidade de Évora tiveram no contexto nacional. Deste registo de erudição e de nacionalismo regional surgiu a organização de um congresso internacional sobre o assunto, realizado em Coimbra em 1959. Pretende-se com este texto analisar os matizes da historiografia sobre a Universidade de Évora no último meio século na sociedade portuguesa, tentando entender como se manteve silenciosa a agenda nacional/internacional de fazer inserir a Universidade de Évora na rede universitária da Europa moderna, moldada pelo Renascimento e pelo Humanismo.

Abstract: This text begins with a memory refreshing about the celebrations of 450 years of the founding of the University of Évora, national and regional context. A international congress was organized in this commemorative context and took place at the University of Coimbra in 1959. The intention of this text tries to analyse the nuances of the historiography on the University of Évora in the last half century in Portuguese society, trying to point out that these Portuguese theme was not part of the comparative international agendas, in order to put University of Évora in academic network of Early Modern Europe, shaped by the Renaissance and Humanism times.

Palavras-chave: Universidade de Évora; Humanismo; Renascimento. / Evora University; Humanism; Renaissance.

1. Construção da memória de 1559, para Évora

Uma pesquisa rápida sobre a História da Universidade de Évora conduz o leitor, ou o executante do motor do «google», a um conjunto de textos e de referências que podemos dividir em dois grandes grupos. Uma primeira direcção prende-se directamente com a construção de uma memória de final de oitocentos, de peso positivista e com laivos de ideologia republicana que fornece um conjunto de repositórios informativos sobre o estabelecimento e o encerramento da Universidade coordenada pela Companhia de Jesus¹. Uma

* Departamento de História da Universidade de Évora. Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência - CEHFCi. mfn@uevora.pt

¹ Sobre a importância da construção social e colectiva da memória – centrada na prática cultural das celebrações comemorativas – ver Catroga, 1998; Halbwachs, 1968; Philosophical imagination and cultural memory, 1993; Pomian, 1998; Laliou, 2001. A hipótese de criar ligações deste ciclos com a construção de mitos de identidade nacional pode ser alimentada pela leitura de Smtih 1999. Sobre uma visão de capital simbólico do papel das comemorações universitárias é sempre útil e refrescante visitar o texto de Cruzeiro 1988.

segunda orientação emerge do ano de 1959, quando se realizaram as comemorações nacionais dos 400 da fundação da Universidade em Évora. Desta perspectiva vieram à luz editorial um conjunto de estudos analíticos e uma recolha de informação muito completa que se inseriram nos estudos dedicados à Universidade portuguesa, com especial destaque para a de Évora da época Moderna².

Para 1559, o contexto histórico da fundação é o da abertura da História de Portugal, com a grandiosidade dos Descobrimentos e dos «Novos Mundos ao Mundo» mas que se foi encerrando às descobertas e inovações científicas da Europa do Norte, ficando presa da gramática de costumes e de ideologias culturais da Europa do Sul. O iluminismo, no século XVIII, clareou as mentes e os poderes da Europa do Sul, sob o pulso do «despotismo iluminado» e das reformas da Ilustração e, num acto de poder emanando da Natureza *vs.* Filosofia Natural *vs.* Jus naturalismo, a Universidade de Évora foi encerrada em 1759 e, como corolário, a Companhia de Jesus foi expulsa de Portugal, à imagem dos demais Estados da Europa Católica do último quartel do século XVIII, quase no contexto de vésperas da Revolução Francesa de 1789!

Relembrar a divulgação do repositório informativo referente à Universidade de Évora serviu para demonstrar – por via da retórica e eloquência argumentativa – como o newtoniansino finalmente se tinha implantado pelo poder político em Portugal, recuperando Portugal um lugar de importância no cômputo das «Nações Cultas e Civilizadas», qual gramática de procedimentos para os Estados das Luzes europeus em tempo de triunfo do Enciclopedismo e da divulgação prática e utilitária dos conhecimentos científicos e técnicos de obra coordenada por Diderot e D'Alembert, *L'Encyclopédie* (1751)³.

O século XX, em pleno decorrer do Estado Novo português, granjeou outro conjunto de práticas comemorativas e de refundação da memória da Universidade de Évora (159-1959).

No âmbito da valorização patrimonial e da valorização do espaço envolvente da Universidade do tempo da Civilização do Renascimento, empreenderam-se em Évora várias comemorações e empreendimentos culturais, ideológicos e de projecção futura: acontecimentos culturais e editoriais que foram lançando algumas sementes para florescerem no ano de 1973, quando o Ministro da Educação Veiga Simão cria por decreto o Instituto Universitário de

² Ver *História da Universidade em Portugal*, 1997; Cid, 1997b,c; Silva, 1993; Silva, 1980.

³ Ver Carvalho, 1996. Esta visão de conjunto da História do Ensino em Portugal permite entender as várias visões que se foram construindo sobre as diferentes momentos da história da Universidade em Portugal e das suas relações com a sociedade.

Évora), fazendo «renascer» na cidade de Évora, a Universidade, já na primeira fase da Democracia, após Abril de 1974⁴.

A construção cultural da memória comemorativa de 1959 (um ciclo que abarcou os anos de 1958 e de 1959), centrou-se no nascimento e na caracterização da Universidade de Évora nos seus primórdios, as relações tecidas com o Império Ultramarino e a valorização do extraordinário edifício do Colégio do Espírito Santo, à época Liceu Nacional de Évora, com todas as dignidades e festividades que tal peso histórico impunham ao único parque liceal que havia sido uma Universidade, infelizmente encerrada pelo peso forte do anti-jesuítico Marquês de Pombal⁵.

Um conjunto de iniciativas que contribuiriam para sistematizar notas de erudição de dispersas, para cimentar informação de arquivos e de bibliotecas dispersas no País e no Mundo; edições e exposições que no âmbito da história nacional implicaram a realização de vários instrumentos de trabalho que se viriam a revelar fundamentais no final do século XX e no século XXI, quando se pretendeu iniciar uma nova História das Universidades em Portugal, agora sob o ponto de vista da comparabilidade com a de Coimbra e com as Universidades da Europa⁶.

Finalmente, chegamos a 2009! Évora e Portugal inserem-se no espaço de uma Europa comunitária. À Universidade de Évora chegam professores e alunos dos Programas de Mestrado de Erasmus Mundus, programas europeus que promovem a circulação por Universidades Europeias de estudantes de todas as desvairadas partes do planeta, dos cinco continentes. Estamos a tratar, exactamente, dos espaços extra-europeus que justificaram, um dia, em 1559 por Bula do Papa Paulo IV, a implantação dos Jesuítas em Évora e a outorga de um estabelecimento de ensino universitário – com todos os saberes admitidos, excepto Medicina e Direito! Facto que aliás se manteve na longuíssima duração até este século XXI, ano de 2009.

⁴ Para a componente repositório de textos ver, *Cidade de Évora*, 1959; Baptista, 1959; Santos, 1959; Silva, 1993; Veloso, 1959. No que diz respeito às raízes do movimento de ideias de fazer renascer a Universidade em Évora dar particular atenção a Silva, 1980; Silva, 1999; Os textos de Cid, 1997 a, b, c contêm um conjunto de referências de erudição muito completa sobre a fundação e funcionamento da Universidade de Évora ao longo do tempo.

⁵ No tempo da virgem historiográfica da Democracia, a visão triunfante da história do racionalismo e do século XVIII de certo modo abafou a história cultural de Portugal do Renascimento – na qual deve ser inserida a fundação da Universidade de Évora, em 1559. Na produção científica sobre universidades e espaços científicos a instituição jesuíta encerrada em 1759 pela força do poder pombalino é colocada para um plano distanciado das luzes newtonianas, por exemplo do triunfo da criação da Academia das ciências de Lisboa. Ver as práticas comemorativas desta mesma instituição, obras em que é possível entender o fabrico desta ideia de desvalorização da Universidade localizada no Alentejo que perdurou durante 200 (longos) anos – Academia das Ciências, 1986.

⁶ Ver *História da Universidade em Portugal*, 1997.

Decerto é este olhar de cosmopolitismo da circulação dos saberes e da construção de identidades nacionais e transnacionais que marcará o signo de práticas comemorativas da fundação da Universidade de Évora em 1559 - 2009.

2. O espaço da Europa e do Renascimento, em Évora

Sair da Praça do Giraldo e dirigirmo-nos para a colina do Colégio do Espírito Santo implica virar costas ao centro das fontes renascentistas, como a que se localizam nas Portas de Moura! Ir ao encontro do Colégio do Espírito Santo implica destreza de sabedoria de percurso, para passar pela impotente Catedral – que se vislumbra a vários km da cidade – saudar o templo romano e as suas colunas de dimensão humana até se vislumbrar no horizonte o edifício que esconde o esplendoroso Claustro da Universidade. Na entrada cimeira, um alpendre natural que deveria cortar a respiração em dia de sol aberto, tal a noção de infinito que daí se podia (pode ainda...) vislumbrar no horizonte onde o azul do céu toca o limes longínquo da terra batida pelo astro rei! Um azul que quase confunde o olhar humano com a semelhança óptica de se estar a olhar para a linha de horizonte do Oceano infinito...

Talvez estas pinceladas impressionistas para se chegar ao Colégio do Espírito Santo comportem algumas das vertentes da modernidade da Península e da Europa em contexto de 1559.

Um tempo de Renascimento – o da invenção de uma Civilização do Renascimento⁷ – que comporta uma valência cultural, económica e social que se plasma no tempo de Descobertas de novos territórios. O território ideal para várias **experiências empíricas** relacionadas com o objectivo de levar a nova ideia de Educação e de antropologia humana e religiosa, com um arsenal de inovadores métodos educativos, levados entre outros pelos membros da Companhia de Jesus.

Podemos afirmar que a história destas práticas comemorativas começa com a Bula do Papa Paulo IV – *Bula Cum a Nobis*, em Abril 1559 e na entrega dos Estudos à Companhia de Jesus, um corpo especial da Igreja Católica, para por via intelectual e da religião, chegar a locais tão recônditos como exóticos, caso da Índia, do Japão e de China, ou da América Latina, as outras Índias ocidentais abertas pela aventura marítima de Cristóvão Colombo!

Isabel Cid⁸ consegue, em síntese, caracterizar a primeira fase da edificação e da organização da Universidade como uma nova centralidade da cidade de

⁷ Ver Delumeau, 2007.

⁸ Cid, 1997 b.

Évora – Largo do Cardeal Rei, sob o signo do Cardeal D. Henrique, evidenciando a trama narrativa para viabilizar a elevação do Colégio do Espírito Santo à categoria de Universidade, sob a égide da Companhia de Jesus.

No contexto do espírito da cultura do tempo da Renascença e do Humanismo europeu, sob o crivo do Reforma Católica, o período que medeia a publicação da Bula de 15 de Abril de 1559 e o dia 1 de Novembro de 1559 foi, decerto, para a preparação da festa da abertura solene das actividades universitárias na cidade de Évora. A urbe de longa memória histórica era, pois, comparada à Europa universitária de Coimbra, de Alcalá, de Salamanca, para nos situarmos no contexto peninsular⁹.

Esta marca de festividade celebrativa e inaugural irá repetir-se ao longo de vários momentos de excepção da vida da Universidade de Évora. A recepção de Mestres especiais, como a. de Francisco de Borja, a chegada da embaixada de Filipe II (1619) ou do duque de Bragança (1635) ou a de D. João IV (1643)¹⁰, para apenas mencionar algumas das figuras que honraram com a sua visita a cidade de Évora.

Assim, no âmbito de um olhar antropológico, cultural e religioso do quotidiano da Universidade de Évora a componente de festa celebrativa parece ter estado presente, sempre magnificamente enquadrada pelos Claustro Maior e pela Sala dos Actos. Ao esplendor da eloquência¹¹ que se vivia no interior das salas de aula do colégio, juntava-se a grandiosidade das celebrações públicas num ambiente de exaltação de vivências universitárias humanas, culturais, religiosas e políticas¹².

⁹ Este aspecto é amplamente desenvolvido por várias das intervenções do congresso Internacional Comemorativo do IV Centenário da Universidade de Évora (1559-1959), realizado e cujas comunicações foram publicadas sob a forma de separatas em Coimbra, pela Imprensa da Universidade. Para este aspecto específico da cultura universitária jesuíta chama-se particular atenção para João Afonso Corte-Real, 1967.

Mas Isabel Cid (1997c: 487) em nota de rodapé fala da realização, em 1959, do IV Centenário da Universidade de Évora – congresso científico internacional, [Revista Portuguesa de Filosofia], Braga, Tomo XVI, faz. 1, 1959: pp. 5-15, como se se tratasse de uma publicação. De facto trata-se do balanço realizado sobre este importante evento científico na época, previamente anunciado pelas páginas da revista no último fascículo do tomo XV. Ver «Notas», 1959.

¹⁰ Ver Cid, 1997: 399-400. Um amplo elenco de recepção de embaixadas de forte impacto nacional e internacional na região do Alentejo, possibilitadas pela existência da Universidade de Évora e do seu funcionamento profissional e com ecos de projecção de qualidade.

¹¹ Sobre as perspectivas de reflexão sobre o papel da eloquência veja-se a obra clássica Furmarolli, 1980.

¹² Ver as perspectivas de interpretação de história da cultura da contra Reforma que Fumarolli 1980 abre para os jogos da retórica e da eloquência, como novas estratégias de fabricar e ensinar cultura, sobretudo na sua vertente de cultura da Europa da Contra Reforma. Sobre as diferentes formas de pensar historicamente a cultura – as quais podem ser pensadas a propósito do tema fundação da Universidade de Évora, 1559 - ver Burke, 2000.

Mas a este ambiente há que juntar dois espaços marcantes da Universidade que evidenciavam traços do espírito da modernidade europeia: a existência da Biblioteca e a presença de uma Imprensa Tipográfica¹³, peças da funcionalidade pedagógica determinantes para a prática de novos rumos de ensino, para a circulação de ideias e a criação de redes de comunicabilidade entre o ponto geográfico Évora e o Mundo, tão distante como Roma, o Brasil, a Índia, o Japão ou a China.

Pela Biblioteca circulavam as obras da cultura da Europa Tridentina e manuscritos incorporados no seu fundo de leitura para a comunidade universitária jesuítica. O prelo tipográfico dava vida e alma ao trabalho intelectual de Mestres da Universidade, colocando-a em pé de igualdade com as demais universidades da modernidade quinhentista e seiscentista, tal como a Universidade de Coimbra, a de Alcalá e a de Salamanca, para percebermos esta contextualização em rede de universidades peninsulares, no âmbito da modernidade da Europa de Estados politicamente centralizados¹⁴.

Destaquemos um outro ponto de paragem obrigatório neste itinerário para apontar dados marcantes na criação e na afirmação da Universidade em Évora. A passagem, e permanência intelectual, do Jesuíta Luís de Molina, vindo de Espanha, no período compreendido entre 1570-1573, fortalecendo os métodos educativos e introduzindo princípios do Molinismo, com base em leituras interpretativas da época moderna dos textos de Santo Agostinho¹⁵.

A sua permanência foi apenas um pequeno intervalo de tempo, mas a memória de património intelectual do pensamento de Luís de Molina – esteio de modernidade que trouxe até à planície do Alentejo – foi extremamente valorizada pela História da Ideias Políticas e pela Filosofia e Ciência Política a partir do final do século XX¹⁶. A busca de raízes do jus naturalismo e do individualismo são hoje, de acordo com as agendas da literatura especializada, um ponto de reflexão obrigatória a partir das obras completas de Luís Molina, coligidas em 1941-43 em castelhano.

Finalmente, para o registo do tempo de inauguração *vs.* afirmação, o ano de 1599 trouxe para a Europa universitária, e especialmente a que se encontrava

¹³ Seguimos Cid, 1997b: 401.

¹⁴ Sobre este assunto ver Ruegg, 1996, 2002. Para uma perspetiva global do tema Universidade e Modernidade ver Ridders-Symoens, 2002.

¹⁵ Ver Calafate, [http://\[2009\]](http://[2009]) e Borges 1998. Ambas as referências têm dados muito elucidativos sobre a importância e a valorização cultural, filosófica e jurídica da presença de Molina na Universidade de Évora. Uma temática que apenas recentemente tem sido abordada autonomamente, deixando de ser um dos elementos de uma história heróica e comemorativa da fundação da instituição, tal como o amplo movimento de 1959 consagrou.

¹⁶ Ver Silva, 2001.

na dependência da Companhia de Jesus, o método *Ratio Studiorum* – novo método, novo ensino, novos programas, novas orientações – em busca de autonomia de educação, de autoria de Inácio de Loyola, a partir da Universidade de Paris. Estava criado o «método parisiensis» – gramática da educação e do método da Companhia de Jesus, em todos os locais do planeta onde tivessem delegações, colégios, universidades ou pregações eclesiais¹⁷. Um texto que teve já várias traduções, suporte documental para vários volumes e milhares de páginas de História da Educação Europeia e da Civilização Ocidental.

Método de tempo de modernidade, visão global do mundo do século XVI, instrumento pragmático para despoletar mecanismos de regra e ordem, dentro de um sistema hierarquizado mas funcional e actuante na sociedade, passível de ser transposto para várias latitudes geográficas, levando consigo os princípios da Igreja Católica, as marcas da Europa do Sul, estruturas mentais e conceptuais da civilização europeia, para «mundos nunca antes navegados...»!

Não se pode entender a formulação desta gramática de pedagogia sem olharmos para a geografia da Europa do nascimento de escolas de ensino comandadas pelos jesuítas, na segunda no século XV. À necessidade de responder com eficácia a tantas solicitações era necessário fornecer um documento amplo, uma gramática de procedimentos para todos os professores membros da Companhia em Portugal – Lisboa, Évora, Coimbra, mas também aplicada a Espanha, a Itália, à Alemanha católica. E a partir destes espaços europeus levar a sua aplicação ao mundo geograficamente descoberto, a outros povos e civilizações, diferentes, distintos, exóticos...!

Procurámos fixar três elementos que nos pareceram cruciais para se entender a rápida implantação e consolidação internacional da Universidade de Évora na rede universitária da Europa, tal como a cartografia da História das Universidades Europeias evidencia¹⁸. Se a Bula constitui a certidão de nascimento, a presença de Molina confere reconhecimento e respeitabilidade cultural, científica e académica; a adoção do *Ratio Studiorum* significa a plenitude internacional de pertencer à Sociedade de Jesus. A Universidade de Évora havia entrado na geografia da rede das universidades da Europa de Estado das monarquias absolutas da Contra Reforma.

¹⁷ Ver Sousa, 2003; Farrell, 1970. No II Milénio esta gramática de métodos adoptados pelas instituições da Companhia de Jesus tem sido alvo de grande atenção e contributos introdutórios, de tradução em várias línguas, vertidas em várias edições muito cuidadas. Este assunto estará presente em várias das abordagens dos textos que se encontram reunidos neste livro. No tempo da globalização e do instante da comunicação temos também que fazer referência aos inúmeros sítios da rede da world wide web que abrem corredores de leitura após colocar as palavras-chave – *Ratio Studiorum*.

¹⁸ Ver Frijhoff, 2002: 87-07.

3. A Universidade na Europa – modernidade e humanismo letrado católico

Voltemos a colocar uma questão de retórica – estaria a Universidade de Évora fora da rede de universidades que irromperam nas cidades da Europa durante o Renascimento, Humanismo, Classicismo? Ou, pelo contrário a Bula de Paulo IV permitiu colocar Évora nas grandes rotas internacionais de ensino jesuítico?

Façamos uma breve arqueologia de ideias para recuperar esta componente temática de Universidade de Évora rede de ideias, porto de chegada de modelos de uma cultura europeia, renascentista e humanista do seu tempo.

«Em 18 de Maio de 1958, na residência do senhor Professor Barbosa de Miranda, em Coimbra, realizou-se a primeira reunião conjunta dos representantes da Sociedade Internacional Francisco Suarez da Faculdade de Filosofia de Braga e da Câmara Municipal de Évora. Aí ficou resolvido que o Congresso Científico seria promovido pelas três entidades representadas naquela reunião. Assim apareceram como entidades promotoras do Congresso Comemorativo das festas centenárias da Universidade de Évora: Sociedade Internacional Francisco Suarez; Faculdade de Filosofia de Braga; Câmara Municipal de Évora»¹⁹.

A Companhia de Jesus seria um dos muitos pontos de abordagem do Humanismo universitário que aflorou por toda a Europa, o congresso internacional, realizado em Coimbra, trouxe a Portugal algumas dezenas de especialistas em história da cultura, tendo o pretexto da comemoração dos 400 anos servido um objectivo que, na época, se insira nas agendas de estudos altamente valorizados numa Europa que já tinha sobrevivido a duas Guerras Mundiais. A década de cinquenta, o tempo dos intelectuais, parecia um tempo altamente favorável a discutir alguns dos temas do Renascimento que fez nascer novas Universidades na Europa de vários Humanismos²⁰.

Nas novas agendas de estudos universitários, já no século XXI, percebemos que este fio de ligação da fundação da Universidade de Évora à cultura europeia constitui o cerne de uma nova abordagem, de uma nova visão sobre o problema, sem remoque de comemoração nacionalista ou épica.

¹⁹ Baptista, 1959: 36.

²⁰ Curiosamente a produção historiográfica posterior a esta época não deu grande importância a este contributo internacional sobre a história das ideias e a história da cultura através da Universidade de Évora. Sempre se usou, e difundiu, muito mais os textos e as informações fornecidas pelos contributos públicos na revista da Câmara Municipal de Évora – *A Cidade de Évora*. Alfofobre de dados e pormenores que sempre fascinam os eruditos e os historiadores. Para exemplificar esta ideia veja-se Silva, 1993. Mas para se entender que o movimento comemorativo que envolveu entidades públicas e privadas na época pode ser considerada como uma alavanca para o retorno da Universidade ao seu espaço inicial veja-se Silva, 1980!

Em recente edição de história das universidades europeias, numa perspectiva comparada, realçamos uma ideia que nos parece determinante para o assunto que temos vindo a glosar: «A renovação recente do interesse pela história das universidades e o ângulo novo de que ela é observada – já não como crónica da cultura dos grandes académicos mas como história interessada na soma das relações entre a universidade e a sociedade – levam-nos a dar mais atenção ao que aconteceu na metade (sul) católica da Europa. A universidade mediterrânica obscurantista pintada pelos historiadores do Norte ou por anticlericais torna-se muito menos credível»²¹. Nesta obra²² destaca-se a preocupação de estabelecer elos de ligação entre o florescimento de escolas e de universidades com outros espaços de sociabilidade académica e letrada da época moderna. Na configuração da Europa da Contra Reforma, ainda do Civilização do Renascimento, segundo a expressão de Jean Delumeau, fazendo despertar um modelo universitário com três objectivos fundamentais: expansão, diferenciação (norte e sul da Europa) e profissionalização deste novo modelo de Universidade, longínquo do modelo medieval, mas antes emergente do Humanismo do século XV, como o terreno cultural e mental que preparou a nova funcionalidade das universidades europeias, num tempo de rompimento geográfico do mundo, de descobertas marítimas e de povos e civilizações. Um território de expansão a solicitar novas demandas dos saberes da Universidade. Uma época de fazer renascer a matriz de cultura clássica mediterrânica, fazendo fortalecer a república das letras, com a aceleração tecnológica da descoberta e disseminação da imprensa tipográfica.

Estado, Educação e Humanismo são signos de pleno significado que se cruzam quando se pretende entender a necessidade de fazer expandir a rede de estabelecimentos de ensino universitário existente, de modo que os seus discípulos – nomeadamente membros da Companhia de Jesus – pudessem ser enviados para novos contextos civilizacionais ou para latitudes longínquas. A diferenciação prende-se com a nova necessidade de formar – profissionalmente – estudantes capazes de darem novas respostas a novos contextos, a solicitações jamais pensadas ou sonhadas visionariamente em épocas anteriores. A necessidade de obter perfis de formação de alta exigência – segredo base dos novos métodos, sobretudo do uso generalizado da nova pedagogia jesuíta – ditou o leque de saberes de filosofia natural – *artes* – que se deveriam juntar à teologia e áreas disciplinares afins.

²¹ Frijhoff, 2002: 68.

²² Obra traduzida para português e organizada sob o patrocínio do CRUP – Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas.

«O Humanismo conquistou as universidades. Tornou-se nessa altura a consolidação do terreno conquistado através da criação de cátedras, de programas para os cursos e manuais, de modo a garantir que as **obras filosóficas, matemáticas, filológicas e históricas fossem produzidas com a ideia humanista de ciência e formação**: estabelecer jardins botânicos, teatros anatómicos, museus e **bibliotecas e produzir edições eruditas** e enciclopédicas para demonstrar, filosófica e teologicamente, **o valor do Humanismo para a Igreja e para o Estado e traduzir tudo isto na prática**. [...] A função principal da universidade humanística passou a ser a **aplicação dos seus resultados objectivos** e não a experiência intelectual e moral do professor e do estudante na sua interacção individual com os autores antigos [...] **buscar nos autores antigos as fontes das artes e buscar na Bíblia e nos textos dos padres da Igreja as fontes da Teologia**»²³.

Uma visão de universidade europeia do Humanismo – englobando a Igreja da Contra Reforma – que constitui um importante instrumento de trabalho conceptual e metodológico quando se pretende inserir comparativamente a instalação do Colégio do Espírito Santo, na cidade de Évora, no já longínquo ano de 1559 no contexto da história da cultura europeia.

Referências bibliográficas

- «Notas (1959). IV centenário da Universidade de Évora (1559-1959)», *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, Tomo XV, fasc.1: 81-83.
- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (1986), *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal – Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.
- ALVES, Paulo Durão (1959), «Significado histórico-cultural da Universidade de Évora», *Cidade de Évora* XVI, n.º 41-42: 15-17.
- BAPTISTA, Júlio César (1959), «No IV centenário da Universidade de Évora», *Évora*, *Cidade de Évora* XVI, n.º 41-42: 31-36.
- BETHENCOURT, Francisco; CHAUDHURI, Kirti (dir.) (1997), *História da Expansão Portuguesa*, vol. 4-5, Lisboa, Círculo de Leitores.
- BORGES, Irene Duarte – coordenação (1998), *Luís de Molina regressa a Évora. Jornadas dos estudos sobre Molina*, Évora. Ed. Fundação Luís de Molina.
- BURKE, Peter (2000), *Formas de História Cultural*, Madrid, Ed. Alianza.
- CALAFATE, Pedro, «Luís de Molina», <http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia> [acesso 29.09.2009].
- CARVALHO, Rómulo de (1996), *História do Ensino em Portugal desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano* (2.ª edição), Lisboa, Fundação.
- CATROGA, Fernando (1998), *Cientismo e historicismo*, «Seminário sobre o Positivismo», Évora, Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência, pp. 11-57.

²³ Ruegg, 2002: 34. Destaques da nossa responsabilidade.

- CID, Isabel (1997a), «As finanças (Universidade de Évora)», *História da Universidade em Portugal – I Volume – tomo II (1537-1771)*, Coimbra, Universidade de Coimbra – Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 487-498.
- CID, Isabel (1997b), «A fundação da Universidade de Évora», *História da Universidade em Portugal – I Volume – tomo II (1537-1771)*, Coimbra, Universidade de Coimbra – Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 395-421.
- CID, Isabel (1997c), «As instalações da Universidade de Évora», *História da Universidade em Portugal – I Volume – tomo II (1537-1771)*, Coimbra, Universidade de Coimbra – Fundação Calouste Gulbenkian, pp.441-444.
- CIDADE DE ÉVORA (1959), XVI, n.º 41-42 – *IV Centenário da Universidade de Évora*.
- CORTE-REAL, João Afonso (1967), *IV Centenário da Universidade de Évora 1559-1959. Actas do Congresso Internacional Comemorativo. A Universidade de Évora*, Sep., Coimbra, Imprensa Coimbra.
- CRUZEIRO, Eduarda (1988), *Capital simbólico e memória institucional – a propósito da Universidade no século XIX*, «Análise Social», n.º 101-102, pp. 593-607.
- DELUMEAU, Jean (2007), *A Civilização do Renascimento*, Lisboa, Ed. 70. FUMAROLLI, Marc (1980), *L'Age de l'éloquence : rhétorique et «res literaria», de la Renaissance au seuil de l'époque classique*, Genève, Droz.
- FARRELL, Allan P. s.j. (1970), *The Jesuit Ratio Studiorum of 1559, translated into English with an Introduction and exploratory notes by ...*, Washington, Conference of Major Superior of Jesuits. [pdf obtido em: *The Jesuit Ratio Studiorum of 1599* <http://www.bc.edu/libraries/collections/collinfo/digitalcollections/ratio/ratiohome.html>] Consulta em 29.09.2009.
- FRIJHOFF, Willem (2002), «Modelos», *Uma História da Universidade na Europa vol. II – As Universidades na Europa Moderna (1500-1800)*, Lisboa, IN-CM / CRUP / Fundação Eng.º António de Almeida, pp. 39-99.
- HALBWACHS, Maurice (1968), *La Mémoire Collective*, Paris, P.U.F.
- História da Universidade em Portugal (1997) – I Volume – tomo II (1537-1771)*, Coimbra, Universidade de Coimbra – Fundação Calouste Gulbenkian.
- LALIEU, Olivier (2001), *L'invention du «devoir de mémoire»*, «Vingtième Siècle. Revue d'histoire», n.º 69, janv.-mars, pp. 61-82.
- PHILOSOPHICAL IMAGINATION AND CULTURAL MEMORY (1993), Ed. Patricia Cook, London / Durham, Duke University Press.
- POMIAN, Krzysztof (1998), «De l'histoire, partie de la mémoire, à la mémoire, object d'histoire», *Revue de Métaphysique et de Morale*, janv.-mars, n.º 1, pp. 63-110.
- RAMOS, Gustavo Cordeiro (1976), *A propósito das Comemorações do 4.º centenário da extinta Universidade de Évora. Depoimentos de F. Adolfo Coelho e outros acerca de Pombal e dos Jesuítas*, Sep. Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe Letras, tomo XVII, Lisboa.
- RIDDER-SYMOENS, Hilde – coordenação (2002), *Uma História da Universidade na Europa vol. II – As Universidades na Europa Moderna (1500-1800)*, Lisboa, IN-CM / CRUP / Fundação Eng.º António de Almeida, pp. 3-37.
- RUEGG, Walter (1996), «O Alvorecer do Humanismo», *Uma História da Universidade na Europa vol. I – As Universidades na Idade Média*, Lisboa, IN-CM / CRUP / Fundação Eng.º António de Almeida, pp. 445-468.
- RUEGG, Walter (2002), «Temas», *Uma História da Universidade na Europa vol. II – As Universidades na Europa Moderna (1500-1800)*, Lisboa, IN-CM / CRUP / Fundação Eng.º António de Almeida, pp. 3-37.
- SANTOS, Domingos Maurício Gomes (1959), *A Universidade de Évora. IV Centenário. 1 de Novembro 1559 – 1 de Novembro 1959*, Lisboa, Ed. Brotéria.

- SILVA, Amélia Maria Polónia (1993), «Formação académica e vida quotidiana dos estudantes da Universidade de Évora nos primórdios da sua fundação – uma leitura contextual», *Revista da Faculdade de Letras – História*, Porto, Vol. X: 138-175.
- SILVA, Augusto da (1980), «O Instituto Superior Económico e Social e a restauração da Universidade de Évora», *Economia e Sociologia*, n.º 29-30: 147-192.
- SILVA, Augusto da (1999), *O conde de Vill'Alva (1913-1975). Percursor dos Estudos Universitários em Évora*, Évora, Instituto de Cultura Vasco de Vill'Alva.
- SILVA, Lúcio Craveiro da (2001), «Luís de Molina», *História do Pensamento Filosófico Português (dir. P. Calafate) – vol. II Renascimento e contra Reforma*; Lisboa, Caminho: 47-58.
- SMITH, Anthony (1999), *Identidade Nacional*, Lisboa, Gradiva.
- SOUSA, Jesus Maria (2003), «Os Jesuítas e a *Ratio Studiorum*. As raízes da formação de professores na Madeira», *Isleña*, Funchal, 32: 26-46.
- VELOSO, José Maria de Queirós (1959), *A Universidade de Évora. Elementos para a sua História*, Lisboa, Academia Portuguesa de História.